

Hoje a festa do município

São Vicente em festa comemora hoje os 450 anos de sua fundação, com alvorada, queima de fogos de artifício e hasteamento de bandeiras, a partir das seis horas. Depois, revive os primeiros passos do fundador, Martin Afonso de Souza, na areia da praia. Segue-se uma missa festiva e depois, inauguração de placa e programação esportiva. As 17 horas, procissão com as relíquias de São Vicente e Anchieta, o Apóstolo do Brasil. E, finalmente, às 19h30, na Câmara mais antiga das Américas, sessão solene com a entrega de títulos de cidadania vicentina, ao ministro do Superior Tribunal Militar, almirante Júlio de Sá Bierrenbach e ao empresário Carlos Caldeira Filho, além de medalhas do Jubileu, a personalidades da região.

COMERCIO E TURISMO

O comércio vicentino mudou muito, nos últimos anos. Novas lojas foram abertas, outras se expandiram e hoje os estabelecimentos comerciais competem, em igualdade de condições, com o comércio de Santos em termos de diversificação de produtos, preços e qualidade das mercadorias. Trata-se de um comércio em franca ascensão, apesar das dificuldades encontradas pela Prefeitura em apoiar as promoções das lojas, devido ao reduzido orçamento municipal.

Segundo os presidentes do Clube Lojista e da Associação Comercial de São Vicente, respectivamente Armindo Monteiro Batista e José Fernandes, o comércio em São Vicente sofreu uma sensível transformação nos últimos anos com a inauguração de filiais de grandes lojas como a Arapuá, Casas Bahia, Domus, a Bruxa, Gomes e outras.

Na opinião dos dois representantes do comércio, a vinda dessas grandes lojas tem obrigado os comerciantes mais antigos a investirem na modernização de seus estabelecimentos para atrair os clientes. E essa deve ser a tendência a ser seguida, daqui para a frente, pelo comércio local, no entender de Batista e Fernandes, "é preciso que os comerciantes que estão instalados há muitos anos em pontos excelentes, mas que ainda insistem em manter seus estabelecimentos sem nenhuma sofisticação, sem nenhum atrativo, se conscientizem da necessidade da modernização de suas instalações" — diz o presidente do Clube Lojista.

OS TURISTAS E O COMÉRCIO

Armindo Batista afirma, também, que atualmente o comércio não depende tanto dos turistas como há alguns anos, a ponto de a maioria dos estabelecimentos não funcionarem aos domingos. Hoje, o comércio vive dos moradores do município, calculados em aproximadamente 200 mil pessoas. Entretanto, conforme ressalta o presidente da Associação Comercial, a participação dos turistas não pode ser

desprezada, pois nas épocas de temporada, alguns estabelecimentos chegam a ter um acréscimo, no movimento, de mais de 50 por cento.

Para José Fernandes, a nova ponte do Mar Pequeno não provocou um aumento substancial no número de clientes, mas facilitou as compras dos consumidores, devido à maior fluidez de tráfego nas vias públicas centrais, que antes da ponte estavam sempre congestionadas.

Com relação ao aspecto de trânsito, o presidente da Associação Comercial considera que os policiais de trânsito têm sido muito rigorosos em sua função. "Acho que deveria haver uma maior compreensão e tolerância por parte dos guardas, principalmente nas épocas de festas e na temporada. As ruas do centro são bastante estreitas e penso que uma parada rápida de um cliente ou de um caminhão que descarrega mercadorias não é motivo para multas. Em Santos e na Capital, há uma maior tolerância dos policiais nesse aspecto."

PROMOÇÕES E FALTA DE VERBAS

Apesar da falta de verba da Prefeitura para instalar uma melhor iluminação de Natal ou de Carnaval no centro, os comerciantes têm conseguido realizar promoções de bastante sucesso. Armindo Batista conta que, no Natal, foram distribuídos 40 mil cupons a clientes que fizeram compras em São Vicente, dando-lhes direito a concorrer a 10 prêmios (entre eles, uma televisão a cores, uma geladeira, uma máquina de lavar roupa, um fogão e uma bicicleta), independentemente do valor da compra.

Segundo Batista, o Clube Lojista de São Vicente também se preocupa em fazer promoções junto aos seus associados e comerciantes, lembrando que foi feita, recentemente, uma churrascada de confraternização na praia de Paranapuá, onde houve uma disputa de futebol entre os patrões e os empregados, saindo os primeiros derrotados.

O presidente do Clube Lojista explica que, embora o comércio mais forte esteja concentrado nas proximidades da praça Barão do Rio Branco, há um comércio representativo nos bairros, mais precisamente na avenida Mascarenhas de Moraes, na Vila Margarida, na rua Guarani, no Jockey Club e ainda na Vila Melo e Beira Mar, que precisariam de maior apoio por parte da Prefeitura. "Neste Natal, nós fizemos um apelo ao prefeito para que a iluminação utilizada no Natal anterior no centro fosse deslocada para os bairros, mas ele nos alegou que a Prefeitura não tem dinheiro para adquirir nova iluminação para o centro. Acho que para o futuro, o prefeito deveria destinar uma verba com antecedência para decorar melhor as ruas comerciais nas épocas de festas."



Em primeiro plano, a famosa Ponte Fênix, de grande efeito estético e que, unindo a ilha ao continente (à esquerda) possibilitou no passado o desenvolvimento da região. Sul do litoral paulista. Ao fundo a moderna Ponte do Mar Pequeno, cuja primeira pista já inaugurada, veio dar novo impulso ao desenvolvimento e ao turismo da área.

Passado histórico

"O nome de S. Vicente, a gloriosa Célula Mater fundada pelo fidalgo Martin Afonso de Souza, toca fundo em nossas almas, evocando as primeiras eras do Brasil. Traz-nos a lembrança das velas enfiadas dos galeões de Martin Afonso, o cintilar de espadas e armaduras portuguesas sob o sol causticante do Trópico, as cores vivas dos cocares dos índios, o verde claro da vegetação a atestar os corações dos colonos aqui deixados. Recordo aquele maciço al-taneiro a desafiar a audácia e a coragem daqueles que, mais tarde, com sua admirável vontade, puderam vencer a Serra do Mar para fundar, no planalto, a heróica Vila de Piratininga.

E esse glorioso S. Vicente, berço do Brasil, onde o ilustre fidalgo plantou a semente fecunda de nossa civilização, também abrigou os primeiros engenhos de açúcar, pontos de apoio seguros para o estabelecimento definitivo da colonização portuguesa na América do Sul..."

J. P. Leite Cordeiro.

A data de hoje assinala a passagem do 450.º aniversário de fundação de São Vicente, estando programada uma série de solenidades que marcarão, condignamente, o festivo acontecimento, oportunidade em que serão relembrados fatos e episódios marcantes relacionados à secular cidade praiana; considerada a "Célula Mater da Nacionalidade" e apontada como a "Cidade Monumento da História Pátria".

Embora muitos historiadores apontem a fundação de São Vicente em datas diversas, bem antes da chegada do donatário, historicamente, foi aceita a data de 22 de janeiro de 1532, pois a partir de então, é que foi considerada fundada oficialmente por um verdadeiro representante do rei D. João 3.º — o Pledoso, com poderes para tal e, inclusive, de iniciar a primeira colônia regular em terras do Brasil.

De fato, foi em 22 de janeiro de 1532 (embora existam citações que foi no dia 21), que o fidalgo Martin Afonso de Souza aportou em "Santo Vicente", onde encontrou dois portugueses domiciliados: Antonio Rodrigues e João Ramalho, o primeiro ali mesmo, junto da foz do Lagamar, em Tumiaru; e o segundo serra acima, na Borda do Campo.

O Certo é que, logo após a sua chegada, o donatário deu início a sua missão, criando oficialmente aquele núcleo, de acordo com a carta régia de 20 de novembro de 1530. Quanto à escolha do nome do santo, para a recém-criada sede do governo, ocorreu — segundo alguns historiadores — devido ao fato do desembarque ter acontecido justamente no dia em que a Igreja Católica celebra a festa de São Vicente Mártir.

Portanto, historicamente, como a Armada colonizadora aportou naquelas águas no vigésimo segundo dia do mês de janeiro de 1532, essa data passou a ser considerada como a da fundação, e foi, inclusive, quando se verificou a elevação do povoado à condição de vila.

Quanto à denominação que lhe foi dada, devido o dia vinte e dois ser consagrado a São Vicente, existem documentações comprovando a existência de um povoado conhecido por "Santo Vicente", no mesmo local onde Martin Afonso veio a aportar, posteriormente, com a sua Armada exploradora.

Segundo Edith Porchat Rodrigues ("Informações Históricas sobre São Paulo no século de sua Fundação"), "a ilha de São Vicente era chamada: "Gualahó", pelos índios; "Gohaió", como aparece na carta de sesmaria de Pedro Goes (10 de outubro de 1532); "Orblonme" segundo Hans Staden e "Orplion", ou "Morplion", como supõe Varnhagen..." Diz ainda, que o "nome de São Vicente foi dado ao porto situado na Ponta da Praia, entre as atuais ilhas de São Vicente e Santo Amaro (...), por André Gonçalves ou Nuno Manuel, a 22 de janeiro de 1502, quando, percorrendo as diversas paragens da costa brasileira, iam batizando cada ancoradouro com o nome do santo do dia", isso baseado no diário de navegação de Pero Lopes de Souza e no historiador Varnhagen.

"Antes da chegada de Martin Afonso de Souza — prossegue a historiadora — já viviam em São Vicente, Antonio Rodrigues, que teria vindo ao Brasil com João Ramalho e o "bacharel", com seus genros europeus, donde se conclui ter lá existido um pequeno povoado já antes de 1532. Esses portugueses, de sociedade com João Ramalho, fabricavam bergantins, vendiam índios prisioneiros e reabasteciam os navios em trânsito. Mantinham pequena indústria de produtos da terra, como cera, mel, óleos e resina, assim como negociavam com peles de animais, aves, madeiras etc., que trocavam por artigos europeus..."

Na sua obra denominada "Primeiros Povoado do Brasil", o historiador J.F. de Almeida Prado relata que em maio de 1530, quando Sebastião Caboto passou por São Vicente, realizou algumas "barganhas" com os povoadores, recebendo em troca

cerca de 55 a 60 índios, motivo pelo qual aquele ancoradouro chegou a ser chamado de "Porto dos Escravos de S. Vicente", onde, de acordo com o relato do comandante Eugênio de Castro ("A Expedição de Martin Afonso de Souza"), "eram mercadejados escravos", (onde era desenvolvido o tráfico de índios). Posteriormente é que Martin Afonso pretendeu transformá-lo em porto das minas.

Como se pode observar, quando o donatário por aqui chegou em 1532, já encontrou um povoado com moradores estabelecidos e inclusive, com a denominação de São Vicente, pois de acordo com a narração do historiador Washington Luiz ("Na Capitania de S. Vicente"), "Na Capitania de S. Vicente", na época "São Vicente já era um porto conhecido, com lugar marcado nos rudimentares mapas da época, uma espécie de pequena feitoria portuguesa, de iniciativa particular, visitada por esquadras para o tráfico de escravos, onde se forneciam vitualhas necessárias à navegação de longo curso, se construíam bergantins e se contratavam "linguas" da terra."

Na verdade, o primeiro "Pueblo de San Vicente" estava localizado numa ilha, também chamada "Gualahó", "Gohaió", "Orblonme", "Orplion" ou "Morplion". Havia, igualmente, uma outra ilha bem próxima (Ilha do Sol), conforme descrição do Islário do cosmógrafo Alonso de Santa Cruz, que fazia parte da expedição de Sebastião Caboto, que ancorou de frente de São Vicente em 1530: "Dentro do porto de S. Vicente há duas ilhas grandes, habitadas por índios e, na mais oriental, na parte ocidental, estivemos mais de um mez. Na ilha ocidental têm os portugueses um povoado chamado "S. Vicente" de dez ou



Oficializado em 26 de julho de 1922 pela Lei 138, o braço de armas de São Vicente traz em seu centro o leão rompante, vermelho, armado de azul com o virol e a grinalda "Verde Florida", como no timbre das armas do fundador Martin Afonso de Souza. A divisa "Célula Mater" sobre a fita de prata foi criada pelo historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, por ser São Vicente a primeira povoação regular criada no Brasil. A cana-de-açúcar representa a riqueza agrícola da primeira época da vila. A coroa mural com seus castelos ameados simboliza a Força e a Resistência necessárias para proteger a povoação contra ataques de piratas e índios.

doze casas, uma feita de pedra com seus telhados, e uma torre para defesa contra os índios em tempo de necessidade. Estão providos de coísa da terra, de galinhas de Espanha e de porcos, com muita abundância de hortaliças. Têm essas ilhas uma ilhota entre ambas de que servem para criar porcos. Há grandes pescarias de Espanha e de porcos. Estão essas ilhas orientadas NO-SE. Com dez léguas de comprimento e quatro de largura e desde 22.0 até 24.0 de latitude, e no paralelo de 6.0 o seu meio-dia é de 14 horas."

Interessante é notar que uma das primeiras denominações dadas à ilha de São Vicente era de "Morplion", cujo significado foi assim descrito por F. Sommer ("Morplion — Ilha do Sol — São Vicente") — "essa designação topográfica que, segundo informações mais seguras, se deve aplicar à ilha ou à vila de São Vicente, ou a um ponto geográfico relacionado com aqueles conceitos, parece ter sido introduzido na literatura quincentista pelo cosmógrafo francês fr. André Thevet..." E mais adiante: "... a denominação originária deve ter sido, não uma palavra, mas uma frase cujo conteúdo significaria: região ou ilha onde faz calor."

"Os rudimentos que restam dos termos transmitidos, depois de separado o vocábulo Mboro-Peh, São (Morpio) "N" e (Orbio) "Neme", respectivamente, que na sua escassez não dão margem para emitir uma opinião mais ou menos razoável, sobre o vocábulo que complementara o conceito principal. Mas talvez não será necessário estender mais ainda essa tentativa etimológica, por julgar-nos o exposto suficiente para comprovar que a equação por nós formulada: Morplion — Mboro-Peh — Ilha do Calos ou Ilha do Sol..."

Observador minucioso, o historiador Lucas R. Junot, assim se expressou a respeito no seu trabalho denominado "A Ilha de Santos segundo a História": "A Ilha de S. Vicente chamaram Orplion ou Morplion, nome que somente podemos explicar como uma construção de Morbinhum, isto é, campo dos trabalhadores ou lidadores. O nome de S. Vicente lhe proveu da povoação nela construída que o recebeu em virtude de ser o que já tinha o porto..."

Mais São Vicente na página anterior deste caderno.

EUROPA

é com **abreu** mesmo...

DESDE 1840

APROVEITE AGORA ÀS SUBSTANCIAIS REDUÇÕES DE

BAIXA ESTAÇÃO

10 PAISES — SAÍDAS DO BRASIL:
EUROPA MARAVILHOSA
1982 — JAN. 27
FEV. 03, 10, 17
MAR. 03, 10

CONSULTE-NOS SOBRE CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

abreutur

RIO DE JANEIRO: Rua México, 21-A Loja Tel.: 220.0322 — Telex 021-31-120

SÃO PAULO: Av. Ipiranga, 795 - 3.º Andar Tel.: 222.6233 — Telex 011-22021

EMBRATUR 0002-00-41-9

ABAV 52

EMBRATUR 0002-02-41-6

CARNAVAL

Cruzeiros

abreu

Funchal

NORDESTE

SANTOS · RIO · RECIFE · NATAL · FORTALEZA
SALVADOR · RIO · SANTOS

APROVEITE
O CARNAVAL DE SUA VIDA
CONFORTO
BONS PREÇOS · BOAS CONDIÇÕES
BOA ALIMENTAÇÃO · BOA ASSISTÊNCIA
e MUITA ALEGRIA...

FINANCIAMENTO EM ATÉ 12 MESES
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

abreutur

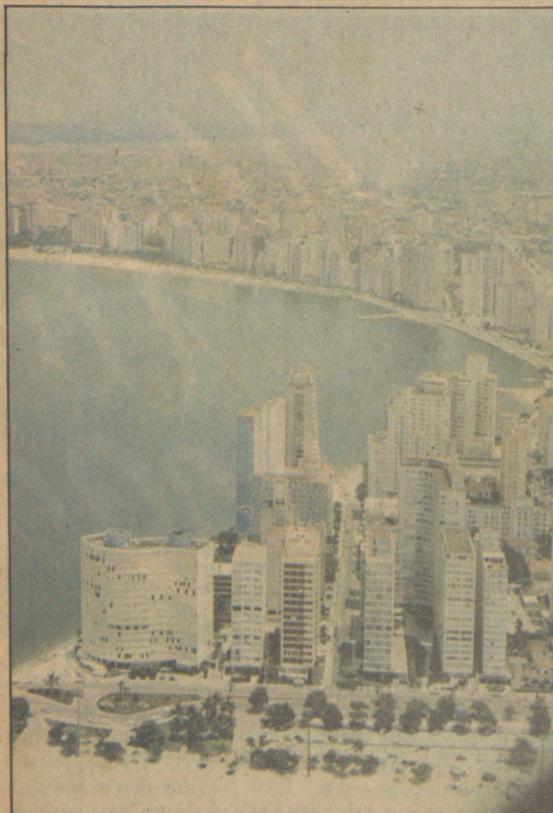
RIO DE JANEIRO: Rua México, 21-A Loja Tel.: 220.0322 — Telex 021-31-120

SÃO PAULO: Av. Ipiranga, 795 - 3.º Andar Tel.: 222.6233 — Telex 011-22021

EMBRATUR 0002-00-41-9

ABAV 52

EMBRATUR 0002-02-41-6



Área central de São Vicente, cuja orla contorna e embeleza o Gonzaguinha, praia parcialmente absorv. pela mar.

São Vicente

Onde começou a colonização do País

Foi com o objetivo de aproximar Portugal das proclamações riquezas da América do Sul, que o rei D. João 3 enviou uma expedição colonizadora à "Terra do Brasil" em 1530, nomeando capitão-mor da armada o fidalgo Martim Afonso de Souza. Tal esquadra era composta por cinco navios e integrada por capitães, fidalgos, pilotos, mestres, equipagem, homens d'armas, intendentes, intérpretes e alguns degredados, com um total de 400 homens, entre portugueses, espanhóis, italianos e alemães.

A frota, que partiu de Lisboa a 3 de dezembro de 1530 depois de uma ligeira escala nas ilhas do Cabo Verde, veio a defrontar-se com o cabo de Santo Agostinho, em Pernambuco, isso fins de 1531, seguindo depois pelo longo da costa do Brasil, levando, inclusive, mais dois navios que haviam aprezado dos franceses em combate. E sempre rumando para o Sul chegou até certa altura do Rio da Prata.

Visando encontrar minas de ouro, o capitão-mor Martim Afonso adentrou a baía do Rio de Janeiro a 30 de abril de 1532, e uma vez em terra firme mandou levantar um forte, permanecendo ali cerca de três meses, fazendo explorações terra a dentro. No dia primeiro de agosto daquele ano, partiu com a esquadra rumo a Cananéia, onde chegou no dia 12 e logo mandou exploradores à terra, que encontraram alguns espanhóis e o famoso bacharel. A esquadra permaneceu quarenta e quatro dias em Cananéia, segundo a viagem para o Sul até as alturas do cabo de Santa Maria, onde passou por uma grande tormenta, que acabou dispersando os navios nas proximidades do atual Rio da Prata. Ainda no dia 2 de novembro, após uma violenta tempestade, a nau Capitania acabou naufragando perto da ponta Este de Maldonado. O comandante Martim Afonso conseguiu safar-se com boa parte da tripulação, mas no entanto sete homens acabaram perecendo.

Apesar do naufrágio do seu navio, o capitão-mor resolveu não mais seguir pelo Rio da Prata, mandando o seu irmão Pero Lopes fazê-lo. E após reunir todos os sobreviventes e comandados, retornou a Cananéia a bordo da nau "Nossa Senhora das Candelas" (que fora aprisionada dos franceses na Costa Norte), acompanhado de um outro galeão, o "S. Vicente", segundo registra o diário de bordo. Depois de ter permanecido durante sete dias em Cananéia, rumou para São Vicente, onde desembarcou a 22 de janeiro de 1532 após ter passado por maus momentos nas águas do Prata, existindo referências de que uma das naus de sua esquadra, a "S. Miguel", havia se desgarrado.

"No novo porto de San Vicente — diz o comandante Eugênio de Castro ("A Expedição de Martim Afonso de Souza) — ficavam a caravela Santa Maria do Cabo e um bergantim às ordens do capitão-mor, agora de alma entregue não à aventura marítima, mas à obra de colonizador zeloso e providente. Prosseguindo indefeso nesse cuidado, intensificou a lavoura para abastecimento da gente que dirigia, deu início ao primeiro engenho com capela que veio a ser chamada do governador, ergueu "as tercenas da ribeira das naus", concluiu fortalezas em San Vicente contra rebate dos índios, talvez já na Bertioiga fortins, tranqueiras ou trincheiras, e começou a interessar os principais no amor da terra, povoamento de defesa, através de doações de sesmarias

Onde comer

No campo da hospedagem, São Vicente pouco tem a oferecer, eis que seu grande contingente de turistas utiliza-se, normalmente, de apartamentos próprios que são ocupados nos fins de semana e na temporada. Todavia, o setor de restaurantes é bem desenvolvido e a cidade oferece variada gama de opções, indo desde simples lanchonetes até pizzarias, churrascarias, casas de massas e restaurantes especializados em frutos do mar ou no cardápio internacional. Entre os mais expressivos estão a Adegas Central, o Itapura, o Boladello, a Lareira, a Bianca e outros localizados na região que vai do Gonzaguinha até a Praia de Itararé.

outorgadas por ordem do rei D. João 3.º."

E assim, revestido dos poderes de que estava investido pelas cartas-régias, Martim Afonso de Souza, após a instalação de primeiro núcleo de administração civil em "Terras do Brasil" — embora fosse militar e comandasse uma esquadra de combate — além de mandar erguer a Igreja, alfândega, cadeia e casa da Câmara, nomear tabeliões e escrivães, bem como outras benfeitorias, distribuiu sesmarias entre os capitães e outros auxiliares que haviam integrado à sua expedição exploradora e colonizadora, incrementando ainda a formação de engenhos para a fabricação de açúcar.

Nesses primeiros tempos em que esteve em São Vicente, onde permaneceu até meados de maio de 1533, o donatário enviou outras expedições pelo sertão em busca de ouro e prata, a exemplo do que já havia ordenado quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro e Cananéia, enveredando inclusive até os campos de Piratininga. E uma vez desiludido do seu intuito de descobrir riquezas para o rei de Portugal, achou por bem voltar a Lisboa, onde chegou em meados de agosto daquele mesmo ano de 1533, onde veio a receber outra missão do monarca.

Pouco mais de um ano depois de sua partida, em 6 de outubro de 1534, foi criada, através de farol régio, a Capitania de São Vicente, deixando de ser cabeça e sede da capitania em 1683. Assim é que, fundada na praia de Itararé, em 1532, e destruída por um maremoto em 1542, a vila de São Vicente foi reconstruída atrás do Morro do Barbosa, onde foi erguida a Igreja de Nossa Senhora da Praia, estendendo-se então através de uma estrada que dava para o porto de Tumiaru, tendo-se arrastado penosamente através dos séculos, sendo inclusive superada por Santos.

DESTRUIDA POR MAREMOTO

Faz-se oportuno observar que a primitiva Vila de São Vicente ficava localizada entre o outeiro (atual Morro dos Barbosa) e a Ilha Porchat (antiga Ilha do Mudo) na direção da Praia de Itararé e que foi totalmente destruída por um maremoto no ano de 1542, tendo sido então erguida uma outra vila (a segunda) mais além da praia de São Vicente, que não deve ser confundida com a primeira povoação.

Antigos fragmentos históricos do arquivo da Câmara, citado por alguns historiadores, registram o seguinte sobre a primitiva vila: "... foi porém muito breve a duração dos seus edifícios porque tudo levou o "mar". No ano de 1542 já não existia a Casa do Conselho e a povoação se tinha mudado para o lugar, onde hoje existe, segundo consta de alguns termos de vereações desse tempo nos quais acho que os camaristas se congregaram na Igreja de Nossa Senhora da Praia em 1.º de janeiro e 11



Sobre um rochedo, no Gonzaguinha, o marco da fundação.

de março e na de S. Antonio em 1.º de abril e 20 de maio do dito ano de 1542, por ter o mar levado as casas dos Conselho (...). Pela mesma razão se assentou na vereação de 1.º de julho de 1543..."

O mesmo documento acentua mais adiante: também a Igreja matriz veio padecer o mesmo infortúnio, como provam a circunstância de se extrahirem do mar os sinos, e a outra de dar o povo facilidade aos camaristas em janeiro de 1545 para mandarem fazer nova igreja com allicerces de pedra, e o mais de talpa, coberta de telhas, ou patiz, à custa do mesmo povo. Hoje há már no sítio onde esteve a vila".

UMA ILHA HISTÓRICA

Localizada à entrada da barra de São Vicente, a aprazível Ilha Porchat já era conhecida pelos navegadores e aventureiros que percorriam o nosso litoral, muito antes da chegada da armada colonizadora de Martim Afonso. Mesmo em 1530, quando a esquadra de Sebastião Caboto que voltava do Rio da Prata, fundou defronte de São Vicente, onde ficou por mais de um mês, o cosmógrafo de bordo Alonso Santa Cruz,

registrou a existência de uma outra ilha, que naqueles tempos, devido à sua extensa mata, além da criação de suínos, servia para ocultar as sentinelas avançadas que ali ficavam de atalala para vigiar a barra vicentina de algum ataque que pudesse vir do mar.

Embora tenha sido comprada por um colono português em 1812, e que lhe deu o nome de Ilha das Cabras, onde passou a criar caprinos, anteriormente em 1779, ela foi adquirida por um outro português que diziam ser mudo, motivo pelo qual recebera tal denominação.

Todavia, para alguns historiadores, a denominação certa seria Ilha do Mudo (do Marco) e que, com o correr do tempo, foi deturpada popularmente para Ilha do Mudo, como era chamada pelos habitantes de São Vicente, e mesmo posteriormente com a mudança do nome para Ilha das Cabras, continuou, igualmente sendo apontada como Ilha do Mudo.

DO TACHINHO AO ENGENHO

Após ter desembarcado da esquadra colonizadora de Martim Afonso, um



Igreja Matriz de São Vicente Mártir, próxima à praça principal.

agricultor conhecido por João dos Padres, veio a se estabelecer pouco depois numa sesmaria no alto de um dos morros da ilha de São Vicente, com o intuito de criar um núcleo agrícola. Tal morro era dotado de condições bastante favoráveis para a plantação, tinha planalto, uma lagoa e até uma cachoeira.

Observa Frel Gaspar da Madre de Deus ("Memórias para a História da Capitania de São Vicente") que, "aos colonizadores que o acompanhavam e depois chegaram no tempo que aqui assistiu, consignou Martim Afonso o terreno necessário para edificarem suas casas na Vila de S. Vicente e permitiu que todos plantassem na ilha deste santo onde quisessem". E mais, adiantou: "... E mandando vir da Ilha da Madeira a planta de canas doces, para que os lavradores as pudesse moer, fabricou quase no meio da sobredita ilha um engenho d'água, com a capela dedicada a S. Jorge."

Trata-se do antigo "Engenho do Governador", conhecido mais tarde como engenho de São Jorge dos Erasmos, cujas ruínas estão localizadas na área Oeste do morro, bem perto da cachoeira, que servia assim ao engenho.

Conforme assinala o historiador J.P. Leite Cordeiro ("O Engenho de S. Jorge dos Erasmos") — "A frota de Martim Afonso dispunha dos elementos necessários para fundar os centros de povoamento em sólidos alicerces. Além dos colonos, trazia sementes de frutas e mudas de várias plantas europeias que, na Bahia, foram entregues a Diogo Álvares, o Caraimuru. O mesmo se deu em São Vicente aquinhoadas com a cana-de-açúcar, cuja cultura logo se desenvolveu nas cercanias da pequena vila litorânea..."

Depois da iniciativa do agricultor João dos Padres, outros portugueses foram chegando e ocupando as terras férteis e aprazíveis daquele sítio dando origem às primeiras chácaras, transformando o local num pequeno povoado que lembrava uma autêntica aldeia portuguesa. E por acharem os agricultores que o lago ali existente era parecido com um imenso tacho de água, passaram a chamar aquele núcleo e agrícola de Tachinho.

Entretanto, existem versões de que se trata de uma primitiva denominação indígena: "Tachy", que foi deturpado com o correr do tempo para tacho ou tachinho, respectivamente.

Na opinião do historiador Francisco Martins dos Santos, Tachy significa "resvaladio, escorregadio — de relativo, e achi — o mesmo que Cy". E que o certo é que o termo empregado pelos índios fazia referência à escalação muito difícil da colina pelo lado do Jabaquara, que apresenta ainda hoje uma escarpa muito escorregadia, tanto que o caminho para a subida foi iniciado no local mais acessível que encontraram.

No tocante ao engenho,

sua construção coube mesmo a Martim Afonso de Souza, que organizou uma sociedade mercantil com o objetivo de operar em São Vicente, integrada por ele, Pero Lopes de Souza, Francisco Lobo, o piloto-mor Vicente Gonçalves e o flamengo Johann Van Hielst, que atuava também como financiador da citada empresa.

Com o afastamento de Martim Afonso para Portugal de onde seguiu para a Índia, Van Hielst, notando que os demais consócios não demonstravam mais disposição para cobrir financeiramente o funcionamento da empresa, introduziu capital e outros recursos de seus amigos de Shetz (banqueiros e armadores estabelecidos em Bruxelas e Antuérpia), que adquiriram a partir de 1550, partes da sociedade pertencentes a Martim Afonso, Francisco Lobo e Vicente Gonçalves. Posteriormente, Van Hielst acabou vendendo sua própria participação aos filhos de Erasmo Schetz. Dessa forma aquela família flamenga acabou proprietária exclusiva do engenho, que teve sucessivas denominações como, do Senhor Governador (devido a Martim Afonso), do Trato (de sociedade), sendo chamado por último de Engenho de São Jorge dos Erasmos.

"Após o ataque de Cavendish a Santos, em 25 de agosto de 1591, acentua Omer Mont'Alegre ("Açúcar e Capital") — os Schetz quiseram vender o engenho por 14.000 ou mesmo 12.000 ducados, mas não conseguiram quem por ele se interessasse. Em janeiro de 1615, quando do desembarque no litoral paulista do almirante holandês Joris Van Spilberg, o engenho foi ocupado, saqueado e incendiado, após o que os proprietários terminaram por abandoná-lo..."

E assim o Engenho dos Erasmos veio a desaparecer na poeira do tempo, cabendo aqui um esclarecimento do historiador Costa e Silva Sobrinho sobre o mesmo: "A concorrência do Engenho da Ilha de Itamaracá, no Norte do País, os sessenta anos de regime de monarquia dualista em que as coroas de Espanha e Castela couberam aos Felipes (2, 3 e 4) e o desenvolvimento de Santos acabaram prejudicando a pequena São Vicente que abria ao mundo um horizonte imenso. Ela estava, ao cabo, em decadência..."

Bem na descida para a Caneleira, de quem vem do morro da Nova Cintra (antiga Tachinho), realçada por extensa mata, surge a cachoeira, cujas águas outrora serviram para movimentar o Engenho do Governador e que nos faz recuar a um passado longínquo, histórico e incógnito, pois corre a lenda de que ali existe um imenso túnel que servia de refúgio nos tempos da pirataria e do cativo, e até de passagem para um determinado ponto do povoado na época colonial.

Nos clubes, alegria e um Carnaval bem programado

Diversão é o que não falta em São Vicente. Além de abrigar algumas das melhores boates e restaurantes da região, São Vicente conta com clubes de excelente infra-estrutura e que promovem frequentes bailes, concursos e shows.

O clube mais badalado é sem dúvida o Ilha Porchat Clube. Por ele, têm passado diversos artistas e personalidades nacionais e internacionais, atraídos por promoções com projeção em todo o País, como é o caso do concurso da Garota Ilha Porchat, que já lançou diversas garotas como modelos e manequins e sérias candidatas ao título de Miss Brasil.

E também o Ilha que promove algo inédito no País, que é o Carnaval em Setembro, que vem sendo realizado há três anos consecutivos com grande sucesso. Tanto sucesso que o próprio presidente da Embratur, Miguel Colassunnon já chegou a sugerir às escolas de samba e clubes do Rio de Janeiro que façam o mesmo, para incrementar o turismo.

Outra promoção de destaque do clube é "Uma Noite nos Mares do Sul", quando o clube é inteiramente decorado com flores, coqueiros folhagem e frutas. Vários conjuntos tocam ao mesmo tempo em diversos pontos, inclusive na praia, e toneladas de frutas tropicais são distribuídas aos milhares de convidados. Realmente uma festa de dar água na boca.

A grande atração desta temporada em São Vicente vai ser o desfile oficial das escolas de samba do município e de Santos, Praia

Grande e Cubatão previsto para a segunda-feira de Carnaval, às 20 horas, na avenida Presidente Wilson.

Este ano, como nos anos anteriores, o desfile promovido pela Prefeitura de São Vicente deve atrair milhares de pessoas e levar para a avenida alguns dos melhores sambistas da região. Uma novidade foi introduzida para despertar uma maior animação às escolas: será oferecido um prêmio de 40 mil cruzeiros àquele que apresentar a melhor alegoria sobre os 450 anos de fundação de São Vicente.

A exemplo dos outros anos, a festa de Carnaval deverá ser comandada pelo Rei Momo, Eurico Ferrão, que há mais de vinte anos exerce essa função. Os dias da apresentação das bandas e blocos de São Vicente com suas belas mulheres e muita ironia, ainda não foram confirmados, mas é praticamente certa a presença dos blocos "Baianas sem Tábuleiro", "Bloco dos Anjinhos", "Bloco da Bola Alvinegra" e das bandas da Divisa, Tia Teresa e "Danadinhas e Danadões".

RAINHA DO CARNAVAL
Já no dia 29, a partir das 21 horas, no São Vicente Praia Clube será realizado o concurso para escolha da Rainha do Carnaval de 82. As candidatas serão acompanhadas pela bateria da Escola Mocidade de São Vicente.

Cada escola será representada por uma candidata e durante o intervalo para a apuração dos votos dos jurados, as cinco escolas do município apresentarão seu samba enredo para o Carnaval.

VOLTA DO TTS ATLAS PARA A EUROPA.

Saída: dia 1.º de março.

Em viagem de linha até Atenas. Preços a partir de 440 dólares, com opções para continuação da viagem a todos os países da Europa.
Por ferryboat: Egito, Israel, Itália e Síria.
Por trem: Albânia, Alemanha, Áustria, Espanha, França, Hungria, Inglaterra, Itália, Iugoslávia, Portugal, Suíça, Checoslováquia, Países Escandinavos.
Nossa sugestão: Excursão terrestre de 15 dias para Atenas, Suíça, Inglaterra e França, com passagem aérea de volta com data em aberto.
Preço: 1.990 dólares (oficial).

Para maiores informações, consulte seu agente de viagens ou a

SAITECIN

TTS Atlas

Rua Araújo, 165 - 5.º and. - Fone: (PABX) 258-8811 - S. Paulo
Telex (011) 33007 - SAOT - BR - EMB. 00703-00-414 - ABAV SP 206

Na Rede Othon
turista
paga Meia.

Em Salvador, Recife, Natal e Fortaleza, a partir do 5.º dia, você só paga a metade.

A maior rede hoteleira do Brasil está fazendo um convite a você: venha passar este verão com a gente. Além da hospitalidade e dos serviços Othon, você tem vantagens que realmente valem a pena.

Veja só. No 4.º dia você ganha um desconto de 25% na diária, e a partir do 5.º, você só paga a metade.* Como dizem por aí, melhor do que isso, só duas vezes isso. Faça logo a sua reserva.

Em Salvador, no Bahia Othon Palace. faça a sua reserva pelo telefone (011) 239-3277.

Em Recife, no Internacional Othon Palace.
Em Natal, no Center Othon. E em Fortaleza, no Imperial Othon Palace. Consulte o seu agente de viagens ou

HOTEIS OTHON
VENHA PASSAR O VERÃO CONOSCO.

*No mesmo hotel. Esta promoção não é válida no período de 17 a 24 de fevereiro. O desconto será concedido mediante a apresentação deste anúncio.